

www.autoresespiritasclassicos.com



As pesquisas dos sábios com a médium
Ermance Dufaux De La Jonchère

Extraídos da obra
Gabriel Delanne - Pesquisas sobre mediunidade

Introdução

Os adversários do espiritismo têm recriminado seus adeptos, com muita freqüência, por admirarem ingenuamente elucubrações banais, triviais, tanto pelo conteúdo quanto pela forma. Há uma certa porção de verdade nessas críticas. Muitas comunicações geralmente provêm de parentes e amigos do médium, que não são escritores profissionais, e que só podem ter interesse para ele. Mas, quando as mensagens recebidas são assinadas por nomes ilustres, quando são publicadas, temos o direito de exigir que tragam o cunho do seu autor, e temos o dever de rejeitar energicamente os infelizes produtos do automatismo, cujo autor, inflado de orgulho, tolamente os atribui aos maiores gênios de que a humanidade se orgulha.

É ridículo e deplorável ao mesmo tempo o mau uso de grandes nomes feitos em certos meios; um pobre diabo que não conhece as regras da prosódia e mal consegue alcançar intelectualmente a compreensão das obras dos poetas, não hesita em crer-se inspirado por Vítor Hugo, Lamartine ou Musset, quando consegue escrever alguns versos medíocres.

Outros falam sobre amor e caridade, e embora sua fala titubeante mal seja digna de um cura de aldeia, não hesitam ao ver, na assinatura, ostentar-se nomes como Bossuet, Laménais, Lacordaire. Entre os místicos, são os profetas ou os apóstolos que vaticinam, ao passo que, em outros centros, Danton, Robespierre, Marat ou Gambetta dão provas de uma lamentável indigência intelectual.

Que se deve concluir dessa constatação? Que as nobres inteligências que foram guias do espírito humano decaíram a ponto de conseguirem escrever apenas produções medíocres? Não, porque nos Anais Espíritas possuímos comunicações, na verdade raras, que são dignas de quem as assinou, e é somente delas que nos ocuparemos aqui. Quanto às outras, deixemos ao bom senso do público o cuidado de fazer justiça a essas fantasias absurdas. O espiritismo não tem por objeto obrigar as almas a manifestar-se. Qualquer espírito sempre tem o poder de não atender ao nosso chamado, se considera inútil sua intervenção. Sabemos por meio século de experiência, que o imenso benefício que se pode tirar da prática consiste em convencer-se da sobrevivência da alma daqueles que perdemos. Teremos condições de reconhecer perfeitamente o estilo, as expressões habituais dos nossos parentes ou amigos que estão no além, ao passo que, às vezes, nos será difícil distinguir entre um plágio bem feito e a obra de um grande escritor. Na maioria das vezes, é a vaidade que leva os médiuns a solicitar comunicações de homens célebres; nessas condições, tornam-se presas fáceis dos mistificadores invisíveis, tão numerosos no espaço quanto na Terra.

Temos constatado, também, o papel que a autossugestão desempenha em muitos automatistas que imaginam ser intérpretes de grandes espíritos. Estas considerações nos explicam a abundância de documentos apócrifos publicados por ignorantes de boa fé. Feitas essas ressalvas, veremos que há casos em que uma intervenção estranha ao médium é realmente indiscutível.

Daremos apenas um resumo de cada uma das observações, indicando os pontos que as tornam valiosas, permitindo-nos estender-nos mais longamente sobre os estudos recentemente empreendidos pelo dr. Dusart, ex-interno de hospitais, e do sr. Broquet, estudante de medicina, que são menos conhecidos.

A história de Joana d'Arc

Existe, na literatura espírita, um número muito grande de obras de longo fôlego sobre os mais diferentes assuntos. São trabalhos com méritos diversos, mas não trataremos deles porque não nos é possível examinar o que é atribuível à imaginação e o que pode haver de real nos relatos. É diferente quando as comunicações espíritas têm por objeto uma narrativa histórica. Aqui, temos condições de verificar as alegações do autor invisível e de saber se apresentam um real interesse.

A srta. Hermance Dufaux, médium escrevente, com quatorze anos de idade, deu-nos uma vida de Joana d'Arc, ditada pela própria Joana, que apareceu em 1858, em Dentu. Sem nos determos a discutir a identidade do autor, observamos que, do ponto de vista psicológico, há aí um problema do maior interesse para os incrédulos. Como é que uma menina dessa idade teria adquirido os inúmeros conhecimentos indispensáveis para escrever uma história tão diversificada, sem cometer omissões, nem erros? Allan Kardec, que conheceu essa jovem, atesta-lhe a honestidade e explica-lhe a obra nestes termos: (1)

(1) *Revista Espírita, 1858, p. 32.*

Aí está uma questão que muitas vezes nos propuseram: saber se os espíritos que respondem com alguma precisão às perguntas que lhes fazemos poderiam realizar um trabalho de grande fôlego. A prova está na obra de que falamos, porque aqui não se trata mais de uma série de perguntas e respostas. É uma narrativa completa e seqüenciada, como a que um historiador faria, e contendo uma infinidade de detalhes, pouco ou nada conhecidos, sobre a vida da heroína. Aos que possam pensar que a srta. Dufaux se inspirou em seus conhecimentos pessoais, respondemos que ela escreveu o livro aos 14 anos de idade; que teve a instrução que todas as jovens de boa família, criadas com esmero, recebem, mas, mesmo que tenha uma memória fenomenal, não é dos livros clássicos que se podem extrair os documentos íntimos que talvez, dificilmente, encontraríamos nos arquivos do tempo. Os incrédulos, sabemos, sempre terão mil objeções a fazer. Para nós, porém, que vimos a médium em ação, a origem do livro não poderia deixar dúvidas.

O testemunho de Allan Kardec tem grande valor, porque todos que o

conheceram, mesmo os adversários, são unânimes quanto à sua perfeita boa fé e à sua honestidade, que eram acima de qualquer suspeita. A materialidade do ditado, portanto, está estabelecida. Só que certos críticos talvez vejam aí um desenvolvimento anormal da subconsciência, traduzindo-se sob a forma da narrativa histórica, cujos dados teriam sido! fornecidos pela memória latente, até mesmo à revelia da escrevente. Contudo, se considerarmos que ela escreveu da mesma maneira a história de Luís XI, em 15 dias, (2) e que esse relato, absolutamente exato na exposição dos acontecimentos, está repleto de detalhes, de nomes, de características dos costumes da época, nos perguntaremos onde essa menina teria buscado as explicações inéditas que forneceu sobre a duvidosa política do monarca mais dissimulado e astuto que reinou na França. Essa jovem precisaria ter as faculdades de um beneditino para levar a termo uma tarefa tão difícil, que, no entanto, realizou sem dificuldade e sem fadiga, sendo apenas a secretária de um historiador invisível. Aí está, realmente, a característica da mediunidade, que sempre encontraremos nas verdadeiras comunicações espíritas, como as que reproduzimos resumida-mente, conforme o livro de Aksakof. (3)

(2) *Dufaux, Hermance, Confusões de Luis XI, Revista Espírita, 1858, p. 73. Essa vida de Luís XI foi publicada pelo jornal espírita La Verité, em 1864, número de 29 de maio. Uma vida de Carlos VIII permanece inédita.*

(3) *Aksakof, Animisme e Spiritisme, p. 326 e segs.*

O fim do romance intitulado "O Mistério de Edwin Drood"

Em 1872, espalhou-se nos Estados Unidos o rumor de que um rapaz sem instrução, mecânico de profissão, chamado James, devia terminar mediunicamente um romance intitulado O Mistério de Edwin Drood, que Dickens tinha deixado inacabado ao morrer. Imediatamente, o Springfield Daily Union enviou um dos seus redatores a Brattleborough (Vermont), onde o médium morava, para informar-se no próprio local sobre os detalhes da estranha empreitada literária. O relatório do repórter foi publicado a 26 de julho de 1873, e foi reproduzido pelo Baner of Light e pelo Spiritualist de 1873, p. 322. Vejamos alguns detalhes a respeito do médium e do manuscrito redigido mecanicamente.

O médium nasceu em Boston; aos quatorze anos, foi admitido na oficina de um mecânico, como aprendiz do ofício que até hoje pratica, de modo que sua instrução escolar terminou aos treze anos. Embora não fosse desprovido de inteligência, nem iletrado, não manifestava gosto algum pela literatura e nunca tinha se interessado por ela. Esse é o homem que tomou nas mãos a pena de Dickens e que lhe concluiu a obra.

A mediunidade de James tinha-se desenvolvido exercendo espiritismo com amigos. Era muito incrédulo, até que um dia, assistindo às experiências, caiu em transe, apanhou um lápis e escreveu uma comunicação assinada pelo nome do filho de uma pessoa presente, cuja existência ele desconhecia. Mais ou menos no final de outubro de 1872, Charles Dickens lhe disse numa mensagem que o tinha escolhido para terminar seu livro.

Essa comunicação informava que Dickens durante muito tempo tinha procurado um meio de atingir esse objetivo, mas que, até aquele dia, não havia encontrado um médium apto a realizar tal tarefa. Desejava que o primeiro ditado ocorresse na véspera do Natal, noite de que ele gostava particularmente, e pedia ao médium que dedicasse à obra todo tempo de que pudesse dispor, sem prejudicar suas ocupações habituais... Logo ficou evidente que era a mão do mestre que escrevia, e James aceitou com a maior boa vontade a estranha situação. Esses trabalhos executados pelo médium fora das suas ocupações profissionais, que diariamente lhe tomavam dez horas, produziram, até julho de 1873, mil e duzentas folhas manuscritas, o que representa um volume in-octavo de quatrocentas páginas.

Qual é o valor literário da obra assim produzida? Encontram-se nessa continuação as qualidades especiais do grande romancista inglês? Eis a crítica feita pelo correspondente do Springfield Daily Union a respeito desse final de romance obtido tão singularmente:

Achamo-nos aqui diante de um grupo de personagens, cada qual com seus traços característicos, cujos papéis devem ser sustentados até o fim, o que constitui um trabalho considerável para quem, em toda sua vida, não escreveu três páginas sobre um assunto qualquer; estamos surpresos, também, por constatar, desde o primeiro capítulo, uma semelhança completa com a parte editada desse romance. O relato foi retomado no

ponto exato em que a morte do autor o interrompeu, e isso com uma concordância tão perfeita que o crítico mais experiente, se não conhecesse o ponto da interrupção, não poderia dizer em que trecho Dickens cessou de escrever o romance com sua própria mão. Cada um dos personagens do livro continua a ser tão vivo, tão típico, tão bem apanhado na segunda parte quanto na primeira. Isso não é tudo. Apresentam-nos novos personagens (Dickens tinha o costume de introduzir novos atores até as últimas cenas das suas obras), que não são cópias dos heróis da primeira parte, não são manequins, mas personagens naturais, verdadeiras criações. Criadas por quem?

Até aqui, nas observações precedentes, ainda se pode ver apenas uma apreciação literária mais ou menos válida, já que depende da cultura intelectual do crítico e pode ser influenciada pelo entusiasmo. Mas o exame do manuscrito abrange provas objetivas de que o inspirados da obra é mesmo o próprio Dickens. Citemo-las:

Eis alguns detalhes de interesse incontestável. Ao examinar o manuscrito, vi que a palavra traveller (viajante) estava escrita por toda parte com dois l, como se usa na Inglaterra, ao passo que nós, na América, geralmente só usamos um.

A palavra coal (carvão) sempre está escrita coals, com um s, como se faz na Inglaterra. É interessante notar também, no emprego das maiúsculas, as mesmas particularidades que podemos observar nos manuscritos de Dickens; por exemplo, quando designa o sr. Grewgious como sendo an angular man (um homem anguloso). Notável, também, o conhecimento topográfico de Londres, de que o autor misterioso dá provas em várias passagens do livro. Há, também, muitas expressões idiomáticas de uso corrente na Inglaterra, mas desconhecidas na América. Mencionarei, ainda, a mudança súbita do tempo passado para o tempo presente, principalmente num relato animado, transição muito freqüente em Dickens, sobretudo em suas últimas obras. Essas particularidades, e outras mais que poderíamos citar, são de pequena importância, mas é com bagatelas como essas que se faria fracassar qualquer tentativa de fraude.

Que probabilidade há, neste caso, de suspeitar-se de uma trapaça? É o que o repórter também se pergunta, e eis como responde a essa pergunta:

Cheguei a Brattleborough com a convicção de que essa obra póstuma

não passaria de uma bolha de sabão, fácil de estourar. Após dois dias de exame atento, voltei, e devo confessar, estava indeciso. A princípio — como qualquer um faria — contestei que aquele manuscrito tivesse sido escrito pela mão do jovem médium. Ele me disse que nunca tinha lido o primeiro volume, detalhe insignificante, a meu ver, porque estou perfeitamente convencido de que ele não seria capaz de escrever uma única página do segundo volume. Isso não para ofender o médium, pois não há muitas pessoas em condições de retomar uma obra inacabada de Dickens!

Conclusão:

Vejo-me, conseqüentemente, diante desta alternativa: ou um homem de gênio qualquer utilizou o sr. James como instrumento para apresentar ao público uma obra extraordinária, de um modo igualmente extraordinário, ou bem esse livro, tal como afirma seu invisível autor, é na verdade escrito sob o ditado do próprio Dickens. A segunda suposição não é mais prodigiosa do que a primeira. Se, em Vermont existe um homem, até agora desconhecido, capaz de escrever como o próprio Dickens, 'que fale, embora estando morto', para que surpresas devemos preparar-nos.

Atesto com toda a honestidade que, tendo tido ampla liberdade de examinar todas as coisas, não consegui encontrar o mínimo indício de impostura, e, se tivesse o direito de publicar o nome do médium autor, isto bastaria para dissipar qualquer suspeita aos olhos das pessoas que o conhecem, por pouco que seja. (4)

(4) O sr. Harrison, homem muito competente nessas matérias, assim se expressa: "É difícil admitir que o gênio e o senso artístico de que essa obra está impregnada, e que tanto se assemelham ao gênio e ao senso artístico de Charles Dickens, tenham levado seu autor, seja ele quem for, a apresentar-se ao mundo somente como um hábil mistificador." (Spiritualist, 1873, p. 26)

É certo que, se os fatos precedentes estão exatamente narrados, este caso não pode ser explicado por nenhum das hipóteses favoritas dos incrédulos. Nem a subconsciência, nem a memória criptomnésica, nem a clarividência são capazes de dar ao jovem mecânico o estilo de Dickens, ou seus conhecimentos e sua ortografia, e, até prova em contrário, parece-nos razoável atribuir ao espírito de Dickens o fim do seu volume sobre O Mistério de Edwin Drood. **Fim**